

GUERRA INFORMACIONAL NO CAMPO DE BATALHA

INFORMATION WARFARE ON THE BATTLEFIELD

CEL R1 SYLVIO PESSOA DA SILVA E
CEL R1 PAULO ROBERTO DA SILVA GOMES FILHO

RESUMO

O presente artigo, em primeiro plano, visa a lançar luz sobre a importância do tema dimensão informacional da guerra. Consideramos que esse fenômeno não é novo, pois a sociedade está exposta há décadas, com baixo grau de percepção, a essa proposta de modelagem social. A busca em dirigir o pensamento social tem sido uma importante ferramenta para a guerra, principalmente, após a II Guerra Mundial. Com base na tecnologia, a ferramenta informacional surgiu, sendo as fronteiras físicas "substituídas" pelas fronteiras virtuais. A descentralização da informação criou agentes e concorrentes à mídia, bem como gerou diversas classificações de informação. Esses antecedentes estão presentes na guerra entre a Rússia e a Ucrânia, com diferentes segmentos participativos do conflito, como demonstrado no contexto deste texto.

PALAVRAS-CHAVE

Dimensão Informacional; Conflito; Ucrânia; Rússia.

ABSTRACT

This article, in the first place, aims to shed light on the importance of the informational dimension of war. We consider that this phenomenon is not new, since society has been exposed for decades, with a low degree of perception, to this proposal of social modeling. The quest to direct social thought has been an important tool for war, especially after World War II. Based on technology, the informational tool emerged, with physical borders being "replaced" by virtual borders. The decentralization of information has created agents and competitors to the media, as well as generated various classifications of information. These antecedents are present in the war between Russia and Ukraine, with different segments participating in the conflict, as demonstrated in the context of this text.

KEYWORDS

Informational Dimension; Conflict; Ukraine; Russia.

OS AUTORES

Oficial do Serviço de Intendência da Reserva Remunerada do Exército Brasileiro (AMAN, 1990); Mestre em Operações Militares (EsAO, 1998) e Mestre em Ciência Militares (ECEME, 2006). Especialista em Logística Empresarial - MBA, pela FGV (2010).



Oficial de Cavalaria da Reserva Remunerada do Exército Brasileiro (AMAN 1990). Mestre em Operações Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME 2008). Especialista em História Militar pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL 2010). Mestre em Estudos de Defesa e Estratégia pela Universidade Nacional de Defesa da República Popular da China (Beijing 2016).





Na guerra, a verdade é a primeira vítima. (Ésquilo)



1. Introdução

A evolução nas comunicações começou a refletir na sociedade desde o surgimento da imprensa e do telégrafo, mas foi a invenção de Marconi que alcançou uma amplitude de massa. O rádio não demandava alfabetização, nem manutenção, era de preço acessível, tinha grande durabilidade e passou a desafiar as distâncias geográficas.

Com o tempo, outros meios foram incorporados ao cotidiano informacional, institucional e pessoal, no ambiente público e no privado. Da mesma forma, o campo de batalha passou a ser, cada vez mais, um ambiente onde a aplicação da informação estava atrelada às operações, seja para divulgação, seja para influenciar ou para modelar determinado objetivo.

Nesse escopo, a importância adquirida pelo *marketing*, principalmente, após os anos 1960 e 1970, ajudou na construção de ideias, rotinas e ferramentas informacionais. Naquele momento, a produção industrial passava a superar a demanda, o que despertou a necessidade de se criar e/ou de se estimular novos consumidores e novos mercados, assim como de se moldar os desejos de compra.

Antes de iniciar a discussão do papel da dimensão informacional na guerra da Ucrânia, será apresentado um breve

histórico de eventos informacionais. Na sequência, será abordada a dimensão informacional nos conflitos, acompanhada de evolução tecnológica. Em seguida, serão abordados os aspectos da ferramenta informacional para a compreensão da aplicabilidade e dos resultados da guerra informacional. Por fim, será analisada a dimensão da guerra informacional aplicada no conflito entre Rússia e Ucrânia.

2. Guerra informacional: antecedentes

Para contextualizar a dimensão informacional na guerra atual, faremos um breve histórico de seu uso durante conflitos armados, iniciando pelo caso brasileiro.

No século XX, as notícias passaram a ser difundidas mais rapidamente e para um maior número de pessoas. No Brasil¹, o Repórter Esso iniciou suas atividades em 1941 e passou a informar, pelo rádio e pela

¹ Segundo Gomes (2008), o primeiro jornal brasileiro foi o Correio Braziliense, de Hipólito José da Costa, editado em Londres entre 1808 e 1822. Contudo, foi durante a Guerra do Paraguai (1864-1870) que a imprensa inovou com imagens, em função da tecnologia que chegava ao País. Na oportunidade, jornalistas brasileiros iniciaram o que conhecemos como cobertura de guerra. Entre eles, destacou-se Alfredo Maria Adriano d'Escagnolle Taunay, o Visconde de Taunay, cuja obra *Retirada da Laguna* deixou um relato importante de parte do conflito. O Brasil teve, ainda, outro fato de relevância informacional no final do século XIX. A insurreição de Canudos foi relatada por Cunha (1968), tendo o escritor deixado como legado mais do que informações sobre o conflito, mas uma verdadeira obra literária que analisa aspectos da Terra, do Homem e da Luta.

televisão, o que ocorria na II Guerra Mundial (1939 – 1945), até o fim do conflito², assim como muitos outros fatos da segunda metade do século XX, em suas edições extraordinárias, até 1968.

“A Testemunha Ocular da História”, modelo jornalístico trazido dos EUA, produzido e supervisionado por empresas norte-americanas, estreou em 28 de agosto de 1941, passando a noticiar fatos como o bombardeio japonês à Base de *Pearl Harbour* e o início da Guerra da Coreia. O Repórter Esso foi o principal meio de difusão dos acontecimentos da II Grande Guerra e dos conflitos seguintes. Modelo difundido em outros 15 países do continente, com notícias oriundas dos Estados Unidos, por meio da *United Press Association*³.

Além da cobertura televisiva e radiofônica, durante a II Guerra Mundial, correspondentes de guerra acompanharam a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Tal fato ajudou na montagem da historiografia da FEB com vídeos, fotografias, relatos, experiências, transmissões etc. Nesse importante papel, a *British Broadcasting Corporation* (BBC) foi um dos principais vetores dessa difusão, deixando um legado

para ajudar as futuras gerações a entenderem aquele momento⁴.

No decorrer da Guerra do Vietnã, mais alguns fatos se destacaram. O conflito avançou na direção da descentralização da produção e da difusão das informações, levando a guerra para “dentro” das residências dos norte-americanos. A “primeira guerra televisionada” impactou os lares estadunidenses e ajudou a minar o apoio ao conflito, bem como auxiliou os vietcongues no seu esforço de guerra⁵.

Em um outro contexto, “Depois do transistor e dos cassetes, cronologicamente, o mundo do Islã alcançou seu terceiro avanço no domínio das mídias, pondo fim ao quase monopólio que os norte-americanos exerciam via CNN, sobre o terreno da informação” (FERRO, 2008, p. 48). A estação de televisão AL-JAZEERA, a partir de então, passava a transmitir do Catar uma visão particular do mundo árabe, rivalizando com as opiniões ocidentais.

Dessa forma, percebe-se que a infraestrutura voltada para a informação passou a ser utilizada também para veicular informações de diferentes origens. Portanto, o conflito informacional passou a ocupar espaço no cotidiano das pessoas, influenciando as diferentes visões de mundo.

² Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/acervo/geral/audio/2018-12/historia-hoje-ultima-transmissao-do-reporter-esso-no-radio-completa-50-anos/>. Acesso em: 7 de mar. 2022.

³ Conforme artigo “40 Anos Sem o Repórter Esso”, de autoria de Luciano Klöckner (s.d.). Disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/60-encontro-2008-1/40%20ANOS%20SEM%20O%20REPORTER%20ESSO.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2022.

⁴ Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43385807>. Acesso em: 7 de mar. 2022.

⁵ Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/terceira-revolucao-industrial.htm#:~:text=A%20principal%20caracter%C3%ADstica%20dessa%20fase,e%20outras%20tecnologias%20jamais%20vistas>. Acesso em: 7 mar. 2022.

Assim, a segunda metade do século XX assistiu, ainda, ao aparecimento da televisão, do marketing de massa e da rede mundial de computadores. A “Terceira Onda”⁶ (TOFFLER, 1980) se materializou por meio da Terceira Revolução Industrial⁷, com novos meios de comunicação e elevada capacidade produtiva. Essa nova dinâmica alterou a forma de se comunicar, a quantidade das informações difundidas e as relações de “espaço” e de “tempo” nas comunicações, influenciando a globalização nos diversos segmentos sociais.

Por fim, como evento mais próximo, destaca-se o uso da dimensão informacional no contexto da “Guerra ao Terror”⁸. O relatório da Central de Inteligência Americana (CIA), apontando existência de armas de destruição de massa no Iraque⁹ e ações realizadas sem a aprovação da Organização das Nações Unidas (ONU) e sem a legitimidade do direito internacional, demonstraram como as informações podem ser conduzidas com inconformidades, por meios dos Estados, para a consecução de objetivos, nem sempre, construtivos.

⁶ Título do livro escrito por Alvin Toffler, em 1980, abordando características da nova sociedade que se descortinava.

⁷ Disponível em:

<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/terceira-revolucao-industrial.htm#:~:text=A%20principal%20caracter%C3%Adstica%20dessa%20fase,e%20outras%20tecnologias%20jamais%20vistas>. Acesso em: 7 mar. 2022.

⁸ Conceito apresentado após os ataques de 11 de Setembro de 2001, pelo presidente George W. Bush, como estratégia militar mundial para o combate ao terrorismo, caracterizado pela invasão de países como Afeganistão e Iraque.

⁹ Disponível em:

<https://www.aljazeera.com/news/2011/9/11/colin-powell-regrets-iraq-war-intelligence>. Acesso em: 7 mar. 2022.

A partir de então, observou-se, de forma mais perceptível, o incremento da quantidade e dos questionamentos quanto à qualidade das informações, cujo monopólio foi sendo quebrado por meio das tecnologias cada vez mais acessíveis a qualquer instituição ou pessoa.

Esse fenômeno foi bem identificado pelo sociólogo Manuel Castells, ao apresentar o surgimento da sociedade baseada em redes, convivendo com maior conteúdo informacional e tendo a internet como a principal ferramenta para a inserção nesse novo mundo. A influência das tecnologias de informação, segundo o autor, gerou a “sociedade informacional”, permitindo interações à distância e em tempo real¹⁰.

2.1. A dimensão informacional como ferramenta da guerra

Como exposto anteriormente, a utilização da dimensão informacional como “arma de guerra” não é uma novidade. Ao longo do século XX, especialistas em estratégia, como Liddell Hart (1895-1970), por exemplo, preconizavam a “ação indireta” como a melhor forma de concepção estratégica, seja no âmbito da estratégia nacional seja no da estratégia militar (BRASIL, 2020).

¹⁰ Disponível em:

<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2021/02/4-pontos-para-entender-o-pensamento-do-sociologo-manuel-castells.html>. Acesso em: 10 abr. 2022.

Os avanços tecnológicos passaram a permitir um novo estágio na descentralização, na produção e na distribuição das informações. Desse contexto, pode-se afirmar que todo cidadão comum passou a competir com organizações estatais e não estatais que controlavam o fluxo midiático. A partir de então, para cada evento, há um “plantonista” com um *smartphone*, reportando quase tudo o que acontece, assim como há um grupo que recebe a mensagem e a repassa em progressão aritmética ou geométrica.

Segundo Vann (2020), embora a propaganda sempre tenha existido, hoje ela se apresenta de maneira muito mais sofisticada como ameaça à segurança nacional. Segundo o autor:

Detailing this threat across civil society is difficult because it is extremely hard to define and harder still to provide a strategic perspective that resonates with the public. To simplistically frame the nature of modern propaganda, a brief scene-setter is required to convey why modern propaganda needs to be appreciated as a critical national security concern. What we may fail to appreciate, however, is the elevated role and importance that modern propaganda techniques will play in defining great power competition and setting the conditions for future conflict. (Vann, 2020, p. 7)

Importante ferramenta dos conflitos modernos, a guerra híbrida aplicada por meio da propaganda, apresenta, segundo o autor, características importantes, dentre as quais merecem destaque:

- **apresenta capacidade, praticamente, incomensurável;**

- **possui formidável arsenal para os Estados;**
- **define-se como ameaça sofisticada e subestimada à Segurança Nacional;**
- **acelera e melhora o processo decisório;**
- **utiliza as naturezas ampla e comercial da internet;**
- **realiza propaganda e modela a opinião pública, a fim de mudar percepções;**
- **normalmente, é livre do controle governamental;**
- **permite a criação de perfis falsos;**
- **atinge grande extensão (amplitude) devido às mídias sociais;**
- **pode ser disseminada de forma diferente e em diferentes plataformas;**
- **as plataformas são substituíveis com relativa facilidade;**
- **explora vulnerabilidades dos conectados;**
- **utiliza companhias “big data” para coletas e avaliações;**
- **não segue padrões éticos;**
- **não é uma arma cinética;**
- **faz parte dos conflitos de 5ª geração; e**
- **objetiva o reconhecimento e a modelagem final do Estado.**

Segundo o autor (VANN, 2020), essa ferramenta permite: **explorar a inocência;** criar **falsas narrativas;** semear **discórdias;** inflamar **emoções;** criar **desarmonia;** influenciar **opinião;** distrair a **atenção;** permitir o **anonimato;** e **modelar** fases e **preparar o campo de batalha,** conforme figura 1.

Figura 1: Características da Guerra Informacional

Fonte: os autores.

O contexto mais recente parece estar repleto de exemplos relacionados à dimensão informacional da guerra. Koribko (2015) insere o domínio informacional nas “revoluções coloridas”, “com forte ênfase em operações psicológicas” a fim de disseminar “a mensagem”, ou seja, determinada “informação” no seio da sociedade. Assim, teria sido com a “Primavera Árabe” e com a “desestabilização da Síria e do Iraque”¹¹.

Tal contexto parece confirmar as ideias de Edward Bernays, em *The Engineering of Consent*¹², de 1947, segundo o qual “um pequeno número de pessoas, em grande parte invisíveis, influencia e orienta a forma de pensar das massas, e que essa é a única maneira de manter as aparências de ordem em uma sociedade do contrário caótica” (KORIBKO, 2015, p. 34).

¹¹ O autor insere as “revoluções coloridas” no contexto da “guerra híbrida, o “caos administrado”. “Se consideradas em conjunto, em uma dupla abordagem, as Revoluções Coloridas e a Guerra Não Convencional representam os dois

componentes que darão origem à teoria da Guerra Híbrida [...]”.

¹² Disponível em:

http://www.fraw.org.uk/data/politics/bernays_1947.pdf

Acesso em: 14 mar. 2022.

2.2. A dimensão informacional no conflito russo-ucraniano

Pode-se analisar que o atual conflito entre a Rússia e a Ucrânia tem sido escalado há vários anos, com a participação dos Estados Unidos e da Europa. A Política de Portas Abertas¹³, da Organização do Tratado do Atlântico-Norte (OTAN), baseada no art.10 do Tratado do Atlântico Norte, de 1949, pode ser considerada um dos principais fatores que contribuíram para a guerra.

A guerra informacional, em particular, tem sido aplicada em intensidade por agentes do Estado e não estatais, com acusações múltiplas, envolvendo os beligerantes e a OTAN, bem como a ONU. A intensidade do conflito informacional tem sido acompanhada pela quantidade de “informações”, oriundas das mais diversas origens, praticamente, impedindo saber o que é informação, má informação ou desinformação.

A capa da revista *per Concordiam*¹⁴ (2020) apresentou o seguinte título: “*Strategic Communications: Winning the Information War*”, conforme **figura 2**. Na revista, o substantivo Rússia (*Russia*) aparece 129 vezes, em 68 páginas, somado a 153 usos do adjetivo “russo” (*Russian*); a qualificação inerente à Rússia ocorre 59 vezes (*Russia's*); a referência à nacionalidade (*Russians*) ocorre

sete vezes; e a palavra russófilo (*Russophile*) ocorre uma vez. A Ucrânia (*Ukraine*) é destacada em dez oportunidades e o que é inerente à Ucrânia (*Ukraine's*), apenas, duas vezes.

Figura 2: per Concordiam



Fonte: <https://www.marshallcenter.org/de/node/1524>

Como parte do conteúdo do periódico citado, Roloff e Dunay (2020) destacam que a

“Rússia tem obtido vantagem de sua habilidade para projetar uma mensagem unificada, do compromisso de liberdade de manifestação e da mídia, e se beneficiado da assimetria da abertura dos mercados de mídia ocidentais *versus* o apertado controle sobre a mídia russa”¹⁵ (tradução nossa).

¹³ Disponível em: https://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_49212.htm. Acesso em: 15 mar. 2022.

¹⁴ Revista trimestral do Marshall Center sobre questões de segurança e defesa europeia e euro-asiática. Disponível em: <https://www.marshallcenter.org/de/node/1524>. Acesso em: 15 mar. 2022.

¹⁵ Texto original em inglês “Russia [...] has taken advantage of its ability to project a unified message, of the West’s commitment to freedom of speech and of the media, and benefited from the asymmetry of open Western media markets versus the tightly controlled Russian one.”

Segundo os autores, o Conselho Europeu estabeleceu a Força Tarefa Estratégica de Comunicações do Serviço de Atuação Externo à Europa¹⁶ (*tradução nossa*), tendo como um dos três objetivos a “transmissão e o direcionamento da desinformação russa com ênfase em crises na e no entorno da Ucrânia”.¹⁴ Ainda, consideram a influência russa presente em Estados da Ucrânia ao Tajiquistão.

Por outro lado, Koribko (2015) considera que os EUA buscam gerar “consenso favorável” à sua política externa em “questões controversas”, moldando o ambiente social. Esse pode ser um dos objetivos na Ucrânia: substituição da influência da Rússia, atuando de forma indireta. O que seria mais amplo do que a mudança de regime (*regime change*).

Assim, muito antes do atual conflito cinético, já se conformavam, entre os beligerantes, ações de guerra no campo informacional, na busca de modelar o ambiente e de conquistar corações e mentes.

A partir de 24 de fevereiro de 2022, o conflito informacional atingiu novo patamar. Às análises anteriores à guerra, somaram-se as imagens e os vídeos dos *smartphones*, as coberturas jornalísticas, as notícias por telefonemas, as imagens de satélites, os mapas, as sanções etc.

Cada um desses elementos tem sido explorado em demasia, mas, na mídia,

praticamente, consolidou-se um pensamento, uma “fotografia” do conflito e dos personagens. Cada parte está tentando gerenciar o caos informacional.

Na Europa e em algumas plataformas/canais de acesso mundial, houve considerável bloqueio ou restrições às mídias russas e acessos a partir daqueles países. Na Rússia, as “*big techs*” podem ser retaliadas por terem tomado partido e terem permitido ou estimulado extremismos¹⁷, algo que pode impactar a credibilidade das empresas responsáveis por esses canais. Ainda, algumas mídias independentes estariam sendo bloqueadas no país, segundo a *Gazeta Brasil*¹⁸.

No Brasil, as mídias *Russia Today*¹⁹ (RT) e *Sputnik*²⁰ não foram bloqueadas na internet, permitindo acesso a um ponto de vista diferente. Na primeira, infográficos e demais notícias atualizam os acontecimentos do conflito segundo outra visão.

A dimensão informacional da guerra se revela maior do que o conflito no terreno, pelo menos em amplitude. Segundo a *CNN Brasil*, “China enfrentará consequências se ajudar Rússia a evitar sanções sobre Ucrânia,

¹⁷ Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/3/11/facebook-allows-posts-urging-violence-against-russian-invaders>. Acesso em: 15 mar. 2022.

¹⁸ Disponível em: <https://gazetabrasil.com.br/mundo/2022/03/03/putin-ordena-bloqueio-de-midias-russas-independentes/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

¹⁹ Disponível em: <https://www.rt.com/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

²⁰ Disponível em: <https://br.sputniknews.com/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

¹⁶ Texto original em inglês “StratCom Task Force of the European External Action Service.”

dizem EUA”²¹. Outrossim, de acordo com parte da imprensa norte-americana, a “Rússia pediu ajuda militar da China para a guerra na Ucrânia”²². Por outro lado, a “China responde à ameaça de sanções dos Estados Unidos”²³ e diz “que EUA criam “medo e pânico” em sanções à Rússia”²⁴. Essa última declaração antecede, em um dia, o início da invasão à Ucrânia.

Dessa forma, suplantando a via diplomática de comunicação entre Estados, os líderes políticos das grandes potências utilizam a mídia para tentar inibir ações contrárias a seus interesses e mostrar aos públicos interno e externo sua capacidade de resposta e ingerência global. Infere-se, também, que essa guerra informacional pode estar sendo usada para justificar problemas internos causados pelo inimigo externo.

Saindo das esferas dos Estados, das empresas e dos estudiosos, não se pode desconsiderar o valor do indivíduo na “cobertura” do conflito. O fácil acesso a determinadas tecnologias, como já foi explicado, gera uma profusão de imagens e mensagens incontrolláveis. As matérias

“Soldado russo faz *selfie* enquanto mísseis são disparados na Ucrânia”²⁵ e “Obsessão de soldado por *selfies* pode provar operações da Rússia na Ucrânia” caracterizam esse novo comportamento social levado para a guerra. Não basta, somente, a disciplina de luzes e ruídos, pois a atual realidade impõe “disciplina de luzes, ruídos e mídia social”²⁶.

A BBC faz uma abordagem “as imagens enganosas que viralizaram [nas mídias sociais] após operação russa”²⁴. Todavia, imagens de outros conflitos tem sido utilizadas pela mídia tradicional. “Certos veículos da mídia e até mesmo órgãos oficiais de Estado têm usado *gameplay* de alguns jogos na cobertura da guerra na Ucrânia, como se as imagens estivessem representando uma cena real”²⁸.

Ainda, a participação do empresário Elon Musk, ao apoiar o Governo ucraniano, merece destaque e gera discussões. O apoio para restabelecer a internet por meio de links satelitais mostra a capacidade adquirida por empresas, que permite influenciar em um conflito. Além de apoiar a manutenção do acesso à internet desde regiões remotas, o *Starlink* estaria sendo utilizado para

²¹ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/china-enfrentara-consequencias-se-ajudar-russia-a-evitar-sancoes-sobre-ucrania-dizem-eua/>. Acesso em: 15 mar. 2022.

²² Disponível em: <https://jovempan.com.br/noticias/mundo/russia-pediu-ajuda-militar-da-china-para-guerra-na-ucrania-acusa-imprensa-dos-eua.html>. Acesso em: 15 mar. 2022.

²³ Disponível em: <https://www.frontliner.com.br/china-responde-a-ameaca-de-sancoes-dos-estados-unidos/>. Acesso em: 15 mar. 2022.

²⁴ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/china-diz-que-eua-criam-medo-e-panico-em-sancoes-a-russia/>. Acesso em: 15 mar. 2022.

²⁵ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2022/02/4988556-soldado-russo-faz-selfie-enquanto-misseis-sao-disparados-na-ucrania-veja.html>. Acesso em: 15 mar. 2022.

²⁶ Novo procedimento para o campo de batalha. Termo sugerido por estes autores.

²⁷ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60517791>. Acesso em: 15 mar. 2022.

²⁸ Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/voxel/234560-noticias-falsas-guerra-ucrania-usando-videos-jogos.htm>. Acesso em: 15 mar. 2022.

propósitos militares ao identificar alvos inimigos, passando a ser considerado uma interferência nas operações russas²⁹.

3. Conclusão

A compilação de ideias, nesse trabalho, teve início com a apresentação de alguns dos antecedentes do atual estágio. No passado, a dimensão informacional dos conflitos era, eminentemente, centralizada e sistematizada. Essas características foram contextualizadas por meio de alguns fatos destacados da história nacional e mundial.

Na sequência, fez-se importante mostrar, sucintamente, como a dimensão informacional adquiriu importância social e político-diplomática, notadamente, pela tecnologia e, consequentemente, pela capilaridade que começavam a ganhar relevância. A mídia internacional, como a BBC e a *United Press Association*, passava a ter um papel destacado na dimensão informacional.

Assim, a ferramenta informacional foi ganhando robustez e descentralização social. A produção e os objetivos da informação atingiram novos patamares em todos os campos do poder – político, econômico, social e tecnológico, descortinando uma nova sociedade, com foco na opinião pública e impulsionada pelo surgimento das redes sociais.

Nesse contexto, a guerra entre russos e ucranianos representa, em parte, até o presente, a caracterização da sociedade contemporânea diante de um conflito. É importante destacar que, no decorrer das pesquisas, sob a “névoa da guerra”, parecem existir dois conflitos distintos, dependendo da fonte consultada. Como consequência, a Rússia poderá ganhar a guerra na dimensão física e perdê-la na dimensão informacional, sobretudo, no “Ocidente”, em função da opinião pública desfavorável àquele país.

Em termos doutrinários, sugere-se aqui a proposta de inclusão da “disciplina de imagens” como comportamento em operações de segurança e de defesa.

Por fim, o entendimento adquirido nesse estudo permite concluir que a dimensão informacional, no atual campo de batalha, indica a existência de três segmentos participativos, conforme a **figura 3** e explicações a seguir.

- o Estatal, com a participação do governo, dos militares e da diplomacia;
- o empresarial, definido pelas “*big techs*” e pela mídia tradicional; e
- o societário, abrangendo as comunidades epistêmicas e indivíduos que empregam redes sociais.

²⁹ Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/o-papel-dos-sat%C3%A9lites-de-elon-musk-na-defesa-da-ucr%C3%A2nia/a-61272297> Acesso em: 10 abr. 2022.

Figura 3: Segmentos participativos da Dimensão Informacional



Fonte: os autores.

Referências

BRASIL. *Manual de Fundamentos: Estratégia (EB20-MF-03.106)*. 5 ed. Brasília: Estado-Maior do Exército, 2020.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. 27 ed. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo LTDA. 1968.

FERRO, Marc. *O Choque do Islã – séculos XVIII- XXI*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2008.

KORYBKO, Andrew. *Guerra Híbrida das Revoluções Coloridas aos Golpes*. Moscou: Expressão Popular, 2015.

VANN, Joseph. PER CONCORDIAM, *Journal of European Security end Defense Issues*. VOLUME 10, ISSUE 2, 2020.

ROLOFF, Ralf; DUNAY, Pál. PER CONCORDIAM, *Journal of European Security end Defense Issues*. VOLUME 10, ISSUE 2, 2020.

TOFFLER, Alvin. *Terceira Onda*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.



Conheça as publicações do Centro de Estudos Estratégico do Exército!

Acesso pela plataforma EBRevistas

Leia o "Informativo Estratégico"!

